

# MARÉ

## DE NOTÍCIAS



## O Natal já chegou na Maré

Apesar de uma expectativa de melhora nas vendas, a maioria dos comerciantes ainda está com um pé atrás em relação ao movimento de compras para o Natal.

**PÁGINAS 8 E 9**

## Saúde mental do Rio pode ter retrocesso

PÁGINAS 4 E 5

## Você sabe quem é a pessoa que deu nome a sua escola?

PÁGINAS 6 E 7

## Doar leite é saúde para mãe e bebê

PÁGINA 3

## A bola está com elas

Grupos de mulheres mostram que é possível ocupar espaços que antes eram de homens. Jogam muita bola, se divertem, fazem muitos gols e com isso mantêm a boa forma. Outros projetos na Maré também ensinam técnicas de defesa pessoal para acabar com esteriótipo de mulher frágil e submissa em nossa sociedade.

**PÁGINAS 10 E 11**

CLEITON SOARES



ELISÂNGELA LEITE



## A música que transforma

Quatro anos depois, o Maré de Notícias volta à Orquestra Maré do Amanhã e vê que o grupo cresceu e criou a orquestra mirim. Trinta jovens músicos ensinam outros 165 a tocarem diversos instrumentos de corda. “É uma revolução silenciosa por meio da música”, diz Carlos Prazeres, coordenador do projeto.

**PÁGINA 12**

## EDITORIAL

**O**lá! Esse ano passou voando, já estamos no último mês de 2017. Dezembro, época de festas, parece não estar tão animado, pelo menos para os comerciantes. A crise que se instaurou no País fez com que as vendas caíssem, prejudicando muito o comércio. Mas nem tudo é tão ruim quanto parece. A estimativa é de que esse ano o crescimento das vendas seja de 3%, o que não é muito, mas já ajuda, pelo menos, a dar uma animada, né? E com ânimo, é hora de olhar para os negócios com carinho. Esta Edição traz dicas para que o pequeno empreendedor possa ganhar, apesar da recessão econômica, prestando atenção em pequenas ações rotineiras. Outro destaque está na pesquisa que nosso repórter Hélio Euclides fez sobre o nome das escolas que fazem parte do conjunto de favelas da Maré. Surpreendente constatar que algo tão simples faz a maior diferença na comunidade escolar. Uma criança saber quem foi a personalidade que hoje dá nome a escola, faz com que ela se sinta parte da instituição de ensino. Traz mais responsabilidade e engajamento para todos os envolvidos no processo de aprendizagem. Faz muita diferença e, por isso, trazemos nas páginas 6 e 7, a lista completa de todas as escolas com as respectivas personalidades já identificadas. Não dá pra deixar de ler, não é?

A Saúde Mental também está presente nessa Edição. Os profissionais envolvidos no tratamento psíquico estão muito preocupados com os cortes no orçamento e com a possível mudança do perfil do cuidado que hoje está vigente na Saúde pública. Foi uma luta árdua, longa e vitoriosa contra a manutenção dos hospícios e eletrochoques como única forma de tratamento. A luta antimanicomial trouxe muitos resultados positivos ao longo dos anos, desde Nise da Silveira, psiquiatra precursora desse processo. Com a maior socialização, os pacientes começaram a melhor perceber o mundo, sentiram-se mais respeitados e, com isso, a melhora foi notável. Atividades lúdicas, artísticas como teatro, música diminuem a quantidade de remédios. Outro ganho foi a política de redução de danos aos usuários que têm problemas graves com drogas, que hoje já se sabe que é uma doença. O prejuízo é incalculável com a extinção dessa política tão importante! Temos de dizer **não** ao retrocesso. Nas páginas 4 e 5, explicamos o passo a passo das possibilidades de tratamento de transtornos psíquicos. Não perca também a matéria sobre as ciclovias. Boa leitura, um ótimo Natal e que o Ano Novo venha cheio de alegrias! Nos vemos em janeiro.

Siga a **redes da maré**  
nas Redes Sociais

 [www.facebook.com/redesdamare](http://www.facebook.com/redesdamare)

 [www.instagram.com/redesdamare](http://www.instagram.com/redesdamare)

 [www.twitter.com/redesdamare](http://www.twitter.com/redesdamare)

e fique por dentro das novidades!

## EU, LEITOR

## Noite Santa

Vamos celebrar o nascimento de Jesus  
Que nasceu numa manjedoura  
Pela remissão de nossos pecados  
Ele veio nos ajudar a carregar a cruz

Nesta Noite Santa que irradia  
Noite de paz e de alegria  
Jesus é a luz que brilha  
Ele está na Santa Eucaristia

A estrela apareceu brilhando  
Nem todos puderam enxergar  
Só quem estava preparado  
Viu a estrela de Deus brilhar

Eudesia Santos da Silva

ENVIE SUA POESIA,  
FOTO, RECEITA  
OU PIADA. ESSE  
ESPAÇO É SEU!

[comunicacao@redesdamare.org.br](mailto:comunicacao@redesdamare.org.br)

## EXPEDIENTE

## REALIZAÇÃO:

**redes da maré**

R. Sargento Silva Nunes, 1012  
Nova Holanda - Maré  
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242  
Telefone: (21) 3105-5531 / 3104.3276  
[comunicacao@redesdamare.org.br](mailto:comunicacao@redesdamare.org.br)

## PARCERIA:

**actionaid**

## UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

## DIRETORIA:

Alberto Aleixo  
Andréia Martins  
Eliana Sousa Silva  
Edson Diniz Nóbrega Júnior  
Helena Edir

## APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré  
Observatório de Favelas  
Conexão G  
Luta pela Paz  
Vida Real

EDITORA EXECUTIVA E  
JORNALISTA RESPONSÁVEL  
Daniele Moura  
(Mtb - 24422 /RJ)

COLABORARAM NESTA  
EDIÇÃO:  
Hélio Euclides  
(Mtb 29919/RJ)  
Jorge Melo  
(Mtb 38915/RJ)

FOTÓGRAFA  
Elisângela Leite  
Douglas Lopes

REVISORA:  
Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO  
Mórla\_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO  
Filipe Almeida

IMPRESSÃO  
Folha Dirigida

TIRAGEM  
50 mil exemplares  
OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO  
REPRESENTAM A OPINIÃO  
DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO  
DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A  
FONTE.

## GARANTA SEU JORNAL!

O **MARÉ DE NOTÍCIAS** chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o jornal no nosso site: [www.redesdamare.org.br](http://www.redesdamare.org.br)

 /redesdamare

 /redesdamare

 @redesdamare

# Doação de leite materno

## Para você, um presente saudável; para a criança, vida

HÉLIO EUCLIDES

A doação de sangue não é única forma de salvar vidas. A doação de leite materno, ou leite humano, preserva a saúde de bebês que necessitam desse alimento, por terem nascido prematuros ou por alguma dificuldade da mãe em amamentar.

Para ser uma doadora de leite materno, é exigido que a candidata esteja em boa saúde, não use medicamentos, álcool ou drogas, e não seja fumante. Elas fazem os exames e preenchem fichas. A primeira doação é feita no posto de coleta, onde é dado treinamento de higienização adequada das mãos e dos mamilos, para evitar contaminação. “Em casa, é pedido que a mãe use touca e máscara e coloque o leite num copo de vidro esterilizado. Depois é necessário colocar na geladeira, mas não pode ficar abaixo de 10 graus. Após a entrega aqui no posto, encaminhamos para o Hospital Hercúlo Pinheiro”, revela **Eudenia Pereira**, técnica de enfermagem, do Centro Municipal de Saúde (CMS) Samora Machel, na Nova Holanda.

Qualquer pessoa pode colaborar, levando até a unidade os potes de vidro, com tampa de plástico, tipo de café. “As embalagens são lavadas e retirados os rótulos e passam por dois testes na incubadora, por um período de três horas. O vidro é esterilizado na autoclave”, detalha **Maria Cristina**, agente comunitária. Com a mãe doadora, o vidro pode passar sete dias e, no freezer, no máximo 15. Quando chega ao hospital, o leite passa por um teste e é pasteurizado para ser utilizado pelos bebês internados nas unidades neonatais.

O Centro Municipal de Saúde Samora Machel tem, no momento, seis doadoras de leite materno. “Muitas vezes, a futura doadora é convidada já na hora do teste do pezinho na criança. Conscientizamos, incentivamos e mostramos que não

precisa ter receio de acabar o leite, pois quando se doa, logo se produz mais”, explica **Vanessa Felix**, agente comunitária. Cada pote salva 10 vidas. “O primeiro mês é fundamental para o bebê. Quem doa, ajuda também a si própria, pois o leite não empedra”, ensina **Marineide Santos**.

### Operação leite materno, eu apoio!

A consulta pré-natal também serve para mostrar que o leite materno é o alimento apropriado para o recém-nascido. “Quando a criança nasce, o primeiro passo é dar o peito, é benéfico até para a mãe, pois diminui o sangramento, e o colo uterino volta ao normal”, lembra **Maria Cristina**.

As profissionais ressaltam que é importante o uso exclusivo do leite materno durante os seis primeiros meses da criança. “Na madrugada, a mamada deve ser de três em três horas, sem esquecer de colocá-lo para arrotar. Um obstáculo que deve ser superado é o mito do leite fraco. No início da mamada o leite é rico em água, para matar a sede do bebê, depois vem a gordura. Por isso, é importante completar a mamada no mesmo peito até ele esvaziar, o que acontece em cerca de 30 minutos”, conclui **Vanessa**.

### Amamentar, um gesto de amor

A professora **Dayana Sabany** alimenta exclusivamente seu filho de seis meses com leite materno. “É um desafio para as mulheres, pois até no núcleo familiar as pessoas ficam dando palpite que já é o momento da papinha”, reclama.

Apesar de a recomendação dos seis meses de amamentação, o retorno ao trabalho é aos quatro meses. “Seria mais fácil se estendessem o retorno, pois é um sacrifício e entendo que nem todas conseguem. Voltei ao trabalho, mas deixo o leite em casa, é um investimento para o



Kit esterilizado para recebimento de leite humano

bebê, vale a pena”, afirma **Dayana**, que acredita que esses primeiros meses são de aproximação. “É muito cruel voltar a trabalhar e nos privar do ato da amamentação. Um momento de ligação entre mãe e filho, de uma construção de amor”.

### Onde doar leite humano na Maré:

**CMS Samora Machel**  
R. Principal, s/nº - Parque Maré

**CMS Américo Veloso**  
Rua Gerson Ferreira, 100 - Praia de Ramos

**CMS João Cândido**  
Av. Lobo Junior, 83 - Marcílio Dias

**CMS Hélio Smidt**  
Rua Tancredo Neves, s/nº - Rubens Vaz

**Clínica da Família Adib Jatene**  
Av. Canal, 364 - Vila dos Pinheiros

# O retrocesso no cuidado da Saúde Mental

## Profissionais e pacientes temem corte de recursos e no orçamento

JORGE MELO

Segundo a OMS - Organização Mundial da Saúde, existem 700 milhões de pessoas no mundo com transtornos mentais. E muitos não procuram tratamento em função dos preconceitos que envolvem essas doenças. Classificadas pela OMS como grupo vulnerável e como uma das populações mais marginalizadas dos seus países, as pessoas com transtornos mentais enfrentam muitas dificuldades em seu cotidiano. Até os anos 1990, muitos pacientes iam para hospícios, eram retirados do convívio social, “entupidos” de remédios, recebiam choques elétricos, perdiam totalmente o controle sobre a vida. Da mesma forma eram tratados aqueles que faziam uso abusivo de álcool e drogas. Hoje, sabe-se que o alcoolismo e o uso de drogas são doenças, que têm sempre uma razão que vai além do consumo. Por isso, os tratamentos mudaram, e a reforma psiquiátrica que prevê tratamento humanizado, fora de hospícios, entrou em vigor.

### Os CAPS - Centros de Atendimento Psicossocial

Um bom exemplo é o CAPS AD - Centro de Atendimento Psicossocial Miriam Makeba, que atende um milhão de pessoas, incluindo moradores da Maré. Inaugurado em abril de 2014, presta um serviço que busca se integrar na cultura, valores, hábitos e nas relações pessoais do paciente. Funciona 24 horas, vol-

tado principalmente para os casos mais graves e para as situações de crise, de modo a evitar internações psiquiátricas. É considerado a porta de entrada do SUS para estes casos. Ou seja, a partir dali o paciente pode ter acesso a outros tipos de atendimento.

O Miriam Makeba é responsável pelo cuidado em Saúde Mental de pessoas com problemas relativos ao uso abusivo de álcool e outras drogas. Além da Maré, abrange áreas de Mangueiras, Bonsucesso, Complexo do Alemão, Ilha do Governador, Ilha do Fundão, Ramos, Olaria, Penha, Penha Circular, Brás de Pina, Cordovil, Jardim América, Parada de Lucas e Vigário Geral. O serviço conta com uma equipe multiprofissional composta por terapeutas ocupacionais, psicólogos, médico generalista, médico psiquiatra, educador físico, farmacêutico, enfermeiros, musicoterapeuta, oficinas, técnicos de enfermagem e grupos terapêuticos, além de realizar reuniões diárias com o paciente. Para os que têm problemas mentais moderados a graves, que não são relativos ao uso excessivo de álcool e drogas, o atendimento para adultos é no CAPS Magal, em Mangueiras, e para crianças e adolescentes, no CAPS Visconde de Sabugosa, em Ramos. Tratamentos de transtornos mentais como depressão podem ser feitos em clínicas de família.



Muitos pacientes não procuram tratamento por causa dos preconceitos que envolvem a doença

### A Crise na Saúde Mental

Há um clima de apreensão entre os profissionais que trabalham no sistema de Saúde Mental da Prefeitura do Rio de Janeiro, principalmente nos CAPS-ADs, como o Miriam Makeba, por causa da falta de recursos, corte nos orçamentos, e a forma de tratamento. O método anti-manicomial, que é utilizado atualmente, aposta no diálogo, atividades lúdicas e integração social, evitando ao máximo a internação.

Desde o meio do ano, os recursos para a Saúde e, especificamente, para a Saúde Mental foram reduzidos. A falta de dinheiro está afetando a qualidade e a própria manutenção dos serviços. O CAPS-ADs Paulo da Portela, em Madureira, teve a energia elétrica cortada, em setembro, por falta de pagamento. Na época, os funcionários estavam com os salários atrasados. A Organização Social

Viva Rio, responsável pela gestão do CAPS-AD Paulo da Portela, informou que não recebeu recursos da Prefeitura.

No Miriam Makeba, também sob a gestão da Viva Rio, os profissionais estão apreensivos. No dia 1º de novembro, o contrato entre a Viva Rio e a Prefeitura do Rio de Janeiro expirou e ainda não foi renovado. Os profissionais temem pelo atraso nos salários, como já aconteceu em outras Unidades. Eles também já sentem a redução dos insumos e medicamentos necessários ao funcionamento do Centro.

### Redução de Danos: humanização no tratamento tem de continuar

Em relação ao método de tratamento, segundo **Cristiana Brasil**, musicoterapeuta do Miriam Makeba, “são muitos os índices de que mudanças nesse sentido se aproximam, principalmen-

te no tratamento de distúrbios mentais e consumo abusivo de álcool e drogas”. Cristiana afirma que a grande maioria dos profissionais da área defende os tratamentos sem internação, “porque são mais humanos, não retiram o paciente do seu círculo social e o próprio paciente participa do processo de recuperação”. As internações são usadas apenas em casos de surtos que podem representar riscos para terceiros e para os próprios pacientes.

A precursora do tratamento humanizado no Brasil em Saúde Mental estimulando atividades artísticas de inclusão social foi a psiquiatra Nise da Silveira, que tem um hospital psiquiátrico com o mesmo nome no Engenho de Dentro, onde funciona um dos melhores ambulatórios de Saúde Mental da cidade. Até hoje, o hospital trabalha essas atividades artísticas de inclusão e é contrário às formas agressivas de tratamento como eletrochoque.

**Lidiane Malanquini** é assistente social do Convivências na Flávia Farnese,

“  
Estamos temendo um retrocesso, até porque há um movimento para transferir parte dos tratamentos para comunidades terapêuticas, muitas ligadas a entidades religiosas e que utilizam métodos que, em muitos casos, ferem os direitos dos pacientes, inclusive os direitos humanos”

**LIDIANE MALANQUINI**

um projeto que nasceu de uma pesquisa com usuários de *crack* na Rua Flávia Farnese, na Maré, e que hoje tem três frentes de trabalho: um fórum articulador de políticas públicas; desenvolvimento de ações lúdico-artísticas e de mobilidade com os usuários pela cidade e também de acompanhamento social com escuta qualificada. Segundo ela, “a política de redução de danos, que é utilizada em várias partes do mundo, é a mais indicada, porque está provado que a abstinência total é um processo muito doloroso e pode ter consequências muito danosas para o paciente. A internação isola durante um longo período o paciente e, por isso, é grande o número de casos de pacientes que voltam ao vício depois da saída das clínicas de recuperação”.

Um exemplo de tratamento de redução de danos é o Atenda - Espaço de Atendimento Integrado que reúne várias entidades governamentais de saúde, saúde mental, assistência social e organizações não governamentais, e que desde junho, desenvolve um trabalho perto da passarela 10 da Avenida Brasil, onde se reúnem usuários de drogas. Segundo **Rodrigo Nascimento**, também integrante do Projeto Convivências na Flávia Farnese, “esse trabalho consiste no diálogo com os usuários, buscando criar vínculos, entender aquele ser humano, a razão do problema e propor saídas. Nem todos os que usam álcool e drogas se excedem no consumo. As atividades em grupo, teatro, música, leitura são essenciais para a recuperação e garantia dos direitos de cidadão. E é oferecido a ele assistência médica e assistência social”.

A preocupação dos profissionais é maior porque o atual coordenador do Ministério da Saúde para Saúde Mental Álcool e outras drogas, Quirino Cordeiro, defende o aumento do número de leitos em hospitais psiquiátricos. Essa posição vai na contramão da reforma psiquiátrica vigente há mais de 16 anos no País.

Desde 2001, com a Lei 10.216, que dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos men-

tais, mudou o modelo assistencial em Saúde Mental no Brasil. O SUS priorizou o atendimento ambulatorial, ou seja, os pacientes recebem todos os cuidados no ambulatório e depois vão para casa. Desde 1987, setores da Saúde Mental lutavam pelo fim dos manicômios no País. Entre 2001 e 2014, houve uma expansão dos serviços comunitários, como os CAPS, que seguem orientação da OMS e a OPAS - Organização Pan-americana de Saúde. “No entanto, estamos temendo um retrocesso, até porque há um movimento para transferir parte dos tratamentos para comunidades terapêuticas, muitas ligadas a entidades religiosas e que utilizam métodos que, em muitos casos, ferem os direitos dos pacientes, inclusive os direitos humanos”, afirma Lidiane. Enquanto isso, só resta aos profissionais da Saúde Mental fazerem protestos pela cidade para convencer a população carioca sobre o tamanho retrocesso que está prestes a acontecer.



**USUÁRIOS DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS:**

**CAPS-AD III Miriam Makeba**

Atendimento 24 horas, todos os dias, inclusive feriados

Rua Professor Lacê, 485 – Ramos

Tel.: 3889-8441

**TRANSTORNOS MENTAIS EM ADULTOS:**

**CAPS II Carlos Augusto da Silva (Magal)**

Atendimento de segunda a sexta – das 8h às 17h

Av. Dom Hélder Câmara, 1.390, fundos – Manguinhos

Tel.: (21) 97002-1427

**TRANSTORNOS MENTAIS EM CRIANÇAS E ADOLESCENTES:**

**CAPS II Visconde de Sabugosa**

Atendimento de segunda a sexta – das 8h às 17h

Av. Guanabara s/n. – Praia de Ramos – Ramos

Tel.: 3884-9635

# Minha escola tem um nome e eu sem que é

## A identificação das pessoas que dão nome as escolas da Maré

HÉLIO EUCLIDES

Quando nascemos, já recebemos um nome. É a nossa identidade. Isso acontece também com as escolas, creches e Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDIs). O aluno começa a se identificar com a unidade escolar, professores, diretores, funcionários, colegas e com o nome da Instituição de Ensino. Para a escolha da denominação das novas escolas, o Coletivo Maré que Queremos, que reúne as 16 associações de moradores, indicou alguns nomes. A Maré conta hoje com 45 unidades, uma ainda aguardando inauguração, no Salsa e Merengue. São 18 escolas regulares, seis Centros Integrados de Educação Pública (CIEPs), sete creches, 13 EDIs e um Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA).

**Denise Souza** é mãe de Rian Silva, que está no 6º ano. O primeiro colégio do seu filho foi o Paulo Freire, onde foi feita uma apostila para falar da história do homem que deu nome à escola. Esse ano, o seu filho já frequenta outra Unidade. “Agora meu filho estuda no Bartolomeu, apesar de a escola ser acolhedora, não sei quem foi ele. Acredito que seja importante saber, pois tudo é conhecimento. Ajuda o aluno a tomar gosto pela escola”, afirma Denise.

### O desejo de ensinar na Maré

**Andreza de Souza Alves** é professora do CIEP Hélio Smidt. Ela trabalhou na Maré e saiu para dar aulas na Ilha do Governador, mas não aguentou a saudade e voltou. “Para trabalhar aqui tem de ser engajado, abraçando a escola”, confessa a mestre, que ainda diz que é valioso trabalhar a história. “No aniversário do CIEP trabalhamos a identidade e a história da escola e da moradia”.

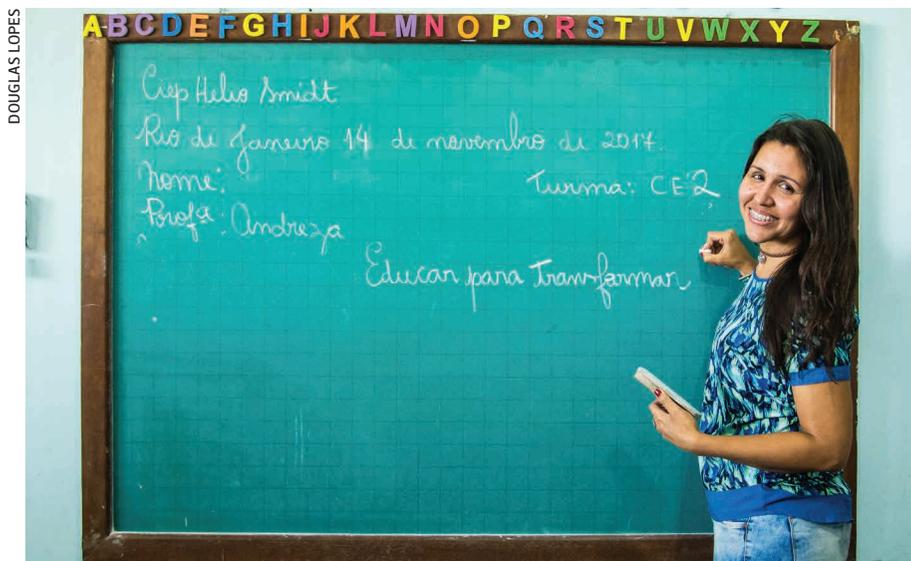
Sua colega de profissão, **Jozélia de Souza Cabral**, atua no EDI Cremilda da Silva Santos. Quando a escola comemorou cinco anos, foi explicado quem foi a Cremilda. “Penso que isso é importante, saber quem foi a pessoa que dá nome à escola, na minha infância não tinha esse pensamento. É indispensável que o aluno se sinta parte integrante da escola. Entenda que a escola faz parte da vida dele e de seus familiares”, avalia.

Outro caso de identidade com a Maré é **Nicilene Alexandre da Silva**, com 18 anos de magistério, sendo 17 dedicados à Escola Teotônio Vilela. “Estudei aqui e escolhi essa escola, pois é minha segunda casa. Tenho raízes aqui. Em 1985, minha mãe foi para a Avenida Brasil pedir a abertura da escola, que não tinha mobiliário. Logo depois funcionou. Outro caso

é o meu irmão, que estudou aqui e hoje é diretor da Escola Genival Pereira de Albuquerque”, revela. Ela entende que o nome da escola tem a sua importância. “Já trabalhamos aqui o patrono da escola, uma pena que o nome desta escola não foi a comunidade que escolheu. Minha preocupação é que não se tem arquivo da escola, então a história se perde”.

A educadora acha que os pais precisam acompanhar os seus filhos. “Tivemos a Semana da Família. Dos 700 alunos, só 50 responsáveis compareceram. Faltou valorizar os filhos e a escola”, reclamou. Para melhorar essa situação, ela tenta conscientizar seus alunos. A escola precisa se tornar do aluno, com acolhimento. Eu mostro a importância da preservação. A escola é um ato de resistência. Aqui sonhamos com um futuro, mostramos que o estudo abre portas”, ressalta.

**Natássia Gonçalves** é diretora do CIEP Hélio Smidt há seis anos. “Passo mais tempo aqui do que na minha casa. A vontade de trabalhar é maior que as dificuldades. Precisamos transformar a realidade, mostrar oportunidades”, diz. Um dos funcionários do CIEP, **Rafael da Silva Clementino**, atua há sete anos como agente de preparo de alimento, revela: “acredito que é uma grande oportunidade de trabalhar numa escola boa, não quero sair daqui. Na Maré é uma pena ter gente que ainda depreda a escola. Acredito que a solução é ter mais projetos e atividades”, avalia. A diretora acrescenta que a educação é o caminho. “Atuamos com vidas, e o papel da educação é de transformação. A sociedade que queremos depende do Magistério. Nossa sociedade está doente, e a educação é o remédio”, afirma.



Andreza propõe atividades que incluem a identificação do comandante que dá nome a escola

O NOME DA MINHA ESCOLA	QUEM FOI
EM Teotônio Villela (fundação 1985)	Senador da República
EM Professor Josué de Castro (fundação 1985)	Médico, geógrafo e um homem engajado no combate à fome
EM Professor Paulo Freire – antiga Classe Cooperação Baixa do Sapateiro (fundação 2002)	Educador, pedagogo, filósofo e escritor
EM 4º Centenário	400º aniversário da cidade
EM Bahia (fundação 1935)	Estado do Nordeste brasileiro (destaque: a escritora Cecília Meireles foi funcionária). O prédio é o único tombado pelo Patrimônio na Maré.
EM Nova Holanda (fundação 1962)	Uma das favelas da Maré (destaque: teve como aluno o atleta olímpico Robson Caetano). Hoje se encontra em novo prédio
EM Tenente-general Nacion (fundação 1972)	Militar da França
EM Armando de Salles Oliveira (fundação 1961)	Furista e político
EM Escritor Bartolomeu Campos de Queirós	Escritor, educador, crítico de arte, museógrafo e ensaísta
EM Escritor Ledo Ivo	Jornalista, poeta, romancista, contista, cronista e ensaísta
EM Genival Pereira de Albuquerque	Morador que veio do Nordeste, e foi um dos fundadores da Baixa do Sapateiro
EM Osmar Paiva Camelo	Morador e ex-presidente da Associação de Moradores do Morro do Timbau
EM Lino Martins da Silva	Escritor, professor e contador
EM Erpídio Cabral de Souza (Índio da Maré)	Morador e liderança comunitária
EM Olimpíadas Rio 2016	Evento esportivo realizado na cidade
EM Medalhista Olímpico Lucas Saatkamp	Jogador da seleção brasileira de vôlei
EM Escritor Millôr Fernandes	Jornalista, humorista, dramaturgo, poeta, desenhista e tradutor
EM Cantor e Compositor Gonzaguinha	Homenagem ao cantor e compositor da MPB. Localizada em Marçílio Dias
EM Clotilde Guimarães (fundação em 1965)	Tinha uma casa para menores grávidas, que eram expulsas de suas residências
CIEP Ministro Gustavo Capanema (fundação 1985)	Ministro da Educação do governo Getúlio Vargas
CIEP Operário Vicente Mariano	Presidente da Federação das Favelas do Estado da Guanabara (FAFEG), e liderança contra a remoção das favelas nos anos 1960
CIEP Presidente Samora Machel (fundação 1989)	Líder da independência de Moçambique
CIEP Elis Regina (fundação 1988)	Cantora da MPB
CIEP Hélio Smidt (fundação 1991)	Ex-presidente de Companhia Aérea brasileira
CIEP Leonel Brizola (antigo 14 de Julho)	Governador do Estado por duas vezes, e criador em conjunto com Darcy Ribeiro do projeto CIEP
Creche Municipal Menino Maluquinho	Personagem criado pelo escritor Ziraldo
Creche Municipal Vila Pinheiro	Uma das favelas da Maré
Creche Municipal Tio Mário	Mário Andreazza, Ministro do Interior do governo de João Figueiredo
Creche Municipal Monteiro Lobato	Escritor do Sítio do Pica-Pau Amarelo e outras obras infantis
Creche Municipal Nova Holanda	Uma das favelas da Maré. Hoje se encontra no antigo prédio da escola que leva o mesmo nome
Creche Municipal Pescador Albano Rosa (fundação 2004)	Morador e pioneiro no trabalho da pesca na Maré
Creche Municipal Professor Paulo Freire	Educador, pedagogo, filósofo e escritor
EDI João Crisóstomo	Presidente da Associação de Moradores do Rubens Vaz, em 2009. A unidade foi apelidada de Helinho, por se encontrar no terreno do CIEP Hélio Smidt
EDI Pescador Isidoro Duarte	“Doro” – morador antigo, e pescador
EDI Kelita Faria de Paula	Professora que lutou pela Educação Infantil
EDI Professor Moacyr de Góes	Educador e escritor
EDI Cremilda da Silva dos Santos	Moradora e alfabetizadora no Morro do Timbau
EDI Professora Solange Conceição Tricarico	Educadora e fundadora do Núcleo de Artes Grécia
EDI Cleia Santos de Oliveira	Líder comunitária que lutou pelo direito das crianças da Nova Holanda terem acesso à creche
EDI Maria Amélia Castro e Silva Belfort	Moradora, fundadora do movimento de mulheres e liderança comunitária da Nova Holanda
EDI Azoilda Trindade (Zô)	Doutora em comunicação, psicóloga, pedagoga e lutadora do movimento negro
EDI Medalhista Olímpico Luiz Felipe Marques Fonteles	Jogador da seleção brasileira de vôlei
EDI Medalhista Olímpico Evandro Motta Marcondes Guerra	Jogador da seleção brasileira de vôlei
EDI Medalhista Olímpico William Peixoto Arjona	Jogador da seleção brasileira de vôlei
EDI Medalhista Olímpico Eder Francis Carbonera	Jogador da seleção brasileira de vôlei

# Esse Natal será igual àquele que passou?

## Como os comerciantes estão enfrentando a crise perto do Natal

JORGE MELO

**C**rise. Palavra temida que acompanhou os comerciantes cariocas nos dois últimos natais. E também naquelas datas em que o comércio vende mais, como o Carnaval, o Dia das Mães, o São João, o Dia dos Pais e o Dia das Crianças. Apesar de uma expectativa de melhora, a maioria dos comerciantes ainda está *com um pé atrás* em relação ao movimento de compras do Natal.

A expectativa é um aumento das vendas 3% maior que no ano passado, segundo pesquisa realizada pela Fecomércio-RJ – Federação do Comércio do Rio de Janeiro e a Ipsos, empresa de pesquisa e inteligência de mercado. Três por cento não é muito, mas se confirmados permitirão *tocar o barco* e recuperar o otimismo. A pesquisa envolveu 2 mil estabelecimen-

tos comerciais de oito regiões do Estado do Rio de Janeiro.

Seguindo essa tendência de *pé no chão*, dez mil empregados temporários devem ser contratados para trabalhar nas festas de fim de ano e no verão, de acordo com pesquisa do Centro de Estudos do Clube de Diretores Lojistas do Rio de Janeiro, que ouviu 500 empresas. Mas esse número é 16% menor que o do ano passado. Com certeza, será um Natal mais modesto e econômico, com menos presentes ou presentes mais baratos.

Além da crise econômica, que é nacional, durante todo o ano de 2016 o Rio de Janeiro enfrentou a crise do Governo do Estado. Mais de 175 mil funcionários públicos estaduais e aposentados ficaram sem salário e pensões ou recebendo em parcelas. Até

outubro, o 13º salário de 2016 ainda não havia sido pago. Esse quadro afetou ainda mais o desempenho do comércio e, seguramente, terá reflexos nas compras de Natal. No Rio de Janeiro, os funcionários públicos representam uma importante parcela do público consumidor.

### O Natal na Maré

Na Maré, ainda não existe pesquisa sobre o desempenho do comércio, mas o que se percebe conversando com os comerciantes é que ninguém espera recordes de vendas, muito pelo contrário, o movimento não deve ser muito diferente do que foi no Natal do ano passado, portanto, nada de promoções ou grandes investimentos em estoque. Um exemplo é **Luzanira Pereira de Farias**, proprietária de uma tradicional loja de rou-

pas femininas e acessórios na Maré, a Lu Fashion. Com 20 anos de comércio, já passou por altos e baixos e aprendeu a driblar as dificuldades: “esse ano deve ser igual ao ano passado, que não foi bom”, diz a comerciante.

Luzanira esperou até o fim de novembro para encomendar o estoque para o Natal, pois queria ter uma ideia melhor do movimento. Não fez grandes investimentos. O movimento durante o ano foi o termômetro, “diminuiu o número de clientes e as que permaneceram, compraram menos”. A maior parte das vendas foi feita no crediário, cerca de 60%. Os cartões de crédito corresponderam a 30% das vendas. E transações à vista, apenas 10%. “Eu sou conhecida, vendo produtos de qualidade e tenho freguesas fiéis. E mulher sempre compra uma coisinha, uma blusa, uma biju”. Para Luzanira, o Natal de 2017 não será daqueles natais para se lembrar daqui há alguns anos.

### A força do comércio na geração de empregos

Um movimento menor no comércio tem influência em todo o conjunto de favelas da Maré. É no comércio que está a maioria dos empregos gerados na região. O primeiro Censo de Empreendimentos Econômicos da Maré, finalizado em 2013, revelou a existência de mais de 3.500 empreendimentos que geraram 9.371 empregos, 76,4 % dessas vagas eram ocupadas por moradores da Maré. Na pesquisa foram entrevistados 3.182 empreendedores.

ELISÂNGELA LEITE



Com a estimativa de crescimento nas vendas em 3%, a Teixeira deve lotar nos próximos dias que antecedem o Natal

ELISÂNGELA LEITE



Luzanira, da Lu Fashion, acredita que esse Natal será como o do ano passado, que não foi muito bom

O comércio responde por 66% dos negócios na Maré e, conseqüentemente, pela maioria dos empregos, algo em torno de seis mil vagas. Uma característica interessante levantada pelo Censo é que 40,2% dos estabelecimentos vendem “fiado”, ou seja, garantido apenas na relação de confiança entre cliente e comerciante. Coisa difícil de ver longe das favé-las.

### O aperto em época de crise

Comerciante há dez anos e dona de uma loja de utilidades domésticas, brinquedos e papelaria, o Bazar Cobina. **Sheila Santos Araújo da Silva** registrou uma redução de 50% no movimento: “tinha duas lojas na Maré, uma de utilidades domésticas e outra de papelaria e brinquedos; em 2015, por causa da crise, tive de fechar um ponto, demiti funcionários e juntei os negócios numa loja só, para economizar”. Este é o terceiro ano de *vacas magras* para Sheila: “o que posso dizer é que 2017 foi péssimo”. Por isso, Sheila não vai arriscar nada de especial para o Natal, “teremos o que temos normalmente e só”, conclui Sheila.

### Pensando no futuro

Mas apesar do quadro de incertezas, há notícias boas. Quando o Censo foi realizado, em 2013, constatou-se que apenas 24% dos empreendimentos no Complexo da Maré estavam formalizados, ou seja, pagavam impostos que permitiam aos proprietários os benefícios da regularização: aposentadoria, auxílio-doença, salário maternidade, possibilidade de fornecer para os governos e obter financiamento.

Em pesquisa realizada o ano passado, com 1.400 empreendedores do Parque União, Vila do João, Nova Holanda e Vila dos Pinheiros, que concentram cerca de 60% dos empreendimentos do Complexo da Maré, constatou-se que 43% deles estavam formalizados. Este é um indicador que mostra maior estabilidade dos empreendimentos. Segundo a mesma pesquisa, os negócios com mais tempo, entre cinco e dez anos, apresentam maior índice de formalização.

Uma outra pesquisa realizada pela Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, EBAPE, nas maiores comunidades da cidade do Rio de Janeiro, inclusive na Maré, identificou

que o acesso à orientação, consultoria, cursos, oficinas e *workshops* tem efeito positivo no comportamento dos microempreendedores individuais, MEIs, dessas comunidades.

Os atendimentos oferecidos pelo Sebrae ajudam a planejar as diversas fases do negócio e mostram a importância de estar em dia com as obrigações. O estudo tomou como base o período entre março de 2012 e novembro de 2015, quando foram feitos 20.191 atendimentos. A pesquisa indica que o atendimento, em especial as sessões de orientação, reduziu a taxa de inadimplência da contribuição mensal do MEI, 15% em média no período das orientações e estes efeitos foram duradouros e se man-

tiveram mesmo após o atendimento.

Nos últimos anos, o Sebrae/RJ vem produzindo informações sobre o perfil de micros e pequenas empresas situadas nas comunidades e atendendo os empreendedores dessas localidades. O foco principal são jovens de 15 a 24 anos com potencial de empreendedorismo e lideranças institucionais e empresariais. Nos locais de atuação são realizados plantões de atendimento, com orientações sobre formalização, alvará; nota fiscal; oficinas e cursos sobre gestão que ajudem nas questões do dia a dia. Na Maré, o atendimento é feito na sede do Re-des da Maré, na Rua Sargento Silva Nunes, 1012, Nova Holanda, às terças-feiras, das 9h às 15h.

### DICAS PRÁTICAS PARA OS EMPREENDEDORES ENFRENTAREM A CRISE:



- ✓ Conheça e controle seu fluxo de caixa.
- ✓ A base de uma boa decisão é a informação, seja obsessivo com o monitoramento das informações de seu negócio.
- ✓ Cuidado com o estoque (se por um lado a falta de mercadoria provoca perda de vendas, por outro, o excesso pode levar a problemas de caixa, uma vez que a empresa terá de pagar os fornecedores sem ter vendido o produto).
- ✓ Estoque parado é igual a dinheiro parado.
- ✓ Atenção com a inadimplência; incentive formas de recebimento mais seguras (dinheiro e cartões).
- ✓ Selecione bem seus clientes; pior que não vender é vender e não receber.
- ✓ INOVE: faça algo diferente para obter resultados diferentes (se fizer igual ao que está no mercado, vai obter os mesmos resultados).
- ✓ Não se compare à maioria, pois infelizmente a maioria não é modelo de sucesso.
- ✓ Ouça muito o que o cliente está falando.
- ✓ Peça a opinião de seus colaboradores.
- ✓ Pesquise o mercado com seus fornecedores.
- ✓ Leia e observe as tendências do mercado.
- ✓ Busque motivação para colocar inovação em sua empresa.
- ✓ Comece a ser inovador com atitudes simples e com recursos que já possui.

# A mulher no esporte

## Direitos iguais para o lazer

HÉLIO EUCLIDES

“Homem fazendo pole dance é igual mulher jogando futebol, não tem graça”, disse **Arnaldo Saccomani**. “Também não acho graça na mulher jogando bola, pois futebol é muito bruto”, respondeu o apresentador Carlos Massa. Essa foi a conversa ocorrida no Programa do Ratinho, de 30 de outubro, em rede nacional. Esse caso mostra que, em pleno 2017, a mulher ainda precisa conquistar o seu espaço na sociedade. Uma dessas áreas, na qual a mulher sofre muito preconceito, é o esporte, principalmente o futebol. Ele se evidencia na falta de investimento, nos estigmas e na pouca seriedade com que tratam este segmento.

**Alexandre Pichetti**, popular Pichetti, professor de futebol, relata que sua escolinha feminina terminou, porque as meninas casaram e saíram. Entende que possa ter falta de apoio dos companheiros, algo que as desmotiva. No mundo masculino acontece o contrário, o homem, mesmo casado, não abandona as “peladas”. **Alessandra Antunes**, de 33 anos, joga futebol desde os 20, hoje bate-bola numa quadra da Nova Holanda. A jogadora lembra que, no início do casamento, seu marido não gostava. “Ele me conheceu jogando, então aceitou. Aqui na favela há discriminação e já ouvimos muitas gracinhas e críticas, mas o que fica são os elogios. Se não fosse o preconceito, o futebol feminino estaria lá em cima. Queremos ser valorizadas, aqui e em outros lugares.

Desejamos a igualdade, somos capazes. O futebol não foi feito só para os homens”, destaca.

Alessandra tem o mesmo sobrenome do craque Zico e, na quadra, se inspira em Marta e companhia. Ela jogou na Portuguesa e no São Cristóvão, mas se sente realizada tocando bola na comunidade onde mora. “Apesar de tudo, nunca deixei de ser do futebol feminino na Nova Holanda, sou uma das antigas. Futebol é o esporte que gosto”, revela ela, que tem duas filhas e uma neta. A mais antiga da escolinha é **Jaqueline Conceição**, de 46 anos, que não pretende parar. “Quando novinha, joguei no Bonsucesso. Depois vim para cá, onde jogo até hoje, porque tenho garra e distrai a mente”, afirma. Ela também relata discriminação. “Existe o preconceito, nos chamam de homossexual, mas nunca esquentei. O que precisamos é de apoio, pois faltam coletes, caneleiras, bola, meções, chuteiras e protetores para os seios”, reclama.

O professor dessa turma de 40 meninas adultas e 12 adolescentes é **Flávio Luiz dos Santos**, que credita à escolinha Vida em Excelência o título de escola de futebol feminino mais antiga, com 26 anos. “Tem escolinha feminina que acaba, porque não tem raiz. Eu vejo o dia a dia das atletas, entendo elas, pois umas são casadas e chefes de família. Trabalhei 17 anos na Vila Olímpica, onde aprendi o que ensino. Também fiz curso de primeiros socorros, por isso sei que se estão com febre, não podem jogar para evitar



Partidas de futebol feminino animam a praça da Nova Holanda nas noites de segundas e quartas

uma convulsão”, detalha. Ele, igualmente à aluna, reclama da falta de recursos. “Não cobro taxa. Por outro lado, não tenho dinheiro, e não é difícil ver algumas jogando descalças. Aqui só tem uma bola, se furar vai dar ruim”, confessa. Para manter a escolinha e sobreviver, Flávio atua no ramo de som para festa. “Fiz prova para salva-vidas e passei, só não segui carreira para não deixar a escolinha”, desabafa. “Quando jogo, me sinto melhor, não tem como explicar a sensação. Uma pena que no Brasil, para ser profissional, é preciso ter sorte e conhecimento. Se fôssemos homens, teríamos mais espaço e oportunidades”, diz **Joelle Pereira de Azevedo**, que conheceu a companheira no campo e elas só ficam separadas quando disputam a bola. “Sonho em ser jogadora, receberia até salário mínimo. Aqui no Brasil falta espaço”, diz **Caroline Ferreira Scola**.

### As Destemidas correm na frente

Um encontro entre a jornalista Carol Barcellos e a instituição Luta Pela Paz proporcionou o nascimento do projeto-piloto Destemidas. Com essa união, foi possível imple-

mentar esse projeto de corrida, que tem como objetivo fortalecer a imagem feminina e diminuir a desigualdade de gênero, visando desconstruir o estereótipo da mulher frágil e submissa existente em nossa sociedade. Além da promoção da prática esportiva, o projeto procura trabalhar questões de gênero, com palestras sobre direitos sexuais e reprodutivos, preconceito, mercado de trabalho e violência contra a mulher.

O projeto reúne preparador físico, nutricionista, psicólogo e ortopedista. São 30 atletas, de 14 a 29 anos, que são preparadas para um alto rendimento específico para corridas profissionais. “Os treinos são no Luta pela Paz, Vila Olímpica e Marina da Glória. Uma pena que falta área de lazer na Maré, para a prática de corrida”, lamenta **Ana Caroline Belo**, coordenadora do Projeto Atletas da Paz.

“Antes, não corria, pois pratico judô e tinha medo de desgastar o joelho. Tive o incentivo e saí da zona de conforto. Hoje percebo que a corrida melhorou o meu desempenho, e já fui campeã de judô”, avalia **Raissa Souza de Lima**, de 21 anos, aluna e estagiária. Ela conta que há en-

“Na minha casa sempre havia agressão. Agora vejo as coisas e não quero discutir, aprendi a ouvir. No campo, antes, segurava muito a bola, agora trabalho em equipe. Eu competia e vivia estressada, agora me divirto.”

**CAMILA CRISPIN**

contos mensais com a Carol, num ambiente de amizade. “É um mito que muitas mulheres juntas só fazem fofoca. Aqui se tornou um grupo de amigas, que incentiva uma a outra”, avalia. “Somos destemidas, mulheres fortes, que enfrentam provas que nos inspiram, o que mostra que nunca é tarde para superar os obstáculos e as dificuldades do corpo, o importante é o esforço, afirma **Gabrielle de Souza Vidal**, de 18 anos que, além da corrida, é aluna de Muay Thai.

**Uma regra para a harmonia**

A Vila Olímpica da Maré também tem o seu futebol feminino, que foi possível pela parceria com a Fundação FC Barcelona. Ele começou em 2014, com o projeto *FutbolNet*, que não trabalha só o ponto de

DOUGLAS LOPES



Mulheres do Projeto Destemidas em ação. A iniciativa prevê fortalecer a imagem feminina, para desconstruir o estereótipo da mulher frágil e submissa

vista técnico, mas inclui o aspecto social. O vencedor não é escolhido pelo alto rendimento e, sim, por critérios socio-educativos. Na Maré, são sete pessoas na equipe, três professores, um estagiário, dois jovens aprendizes, um coordenador administrativo e um coordenador metodológico.

“O objetivo é a integração para trabalhar juntos. Para isso, usamos os cinco valores que o Barcelona utiliza: respeito, trabalho em equipe, humildade, esforço e superação. Discutimos a questão de gênero e resolução de conflitos, por meio do diálogo. O foco, aqui na Maré, é a diminuição da violência”, expõe **Rayana Santuchi**, professora e assessora metodológica. No projeto, as alunas ainda praticam outros esportes, como natação, *rugby* e ginástica olímpica.

Antes de tudo, as alunas escolhem regras que facilitam o jogo, deixam a partida mais justa e mais limpa. Se cria uma

autonomia. Não há árbitro e, sim mediadores, que fiscalizam as regras que elas criaram. A partida é realizada em três tempos: diálogo, reflexão e uma visão de todos. “Ao final, não vale só a pontuação, mas a soma do respeito e das regras. Quem tem valores é quem ganha, uma relação do jogar com a vida”, observa **Juliana Lima**, estagiária.

**Camila Crispin**, de 16 anos, é aluna, e resume o projeto com a palavra respeito. “Na minha casa sempre havia agressão. Agora vejo as coisas e não quero discutir, aprendi a ouvir. No campo, antes, segurava muito a bola, agora trabalho em equipe. Eu competia e vivia estressada, agora me divirto”, admite. As aulas acontecem de terça a sábado, mas o treino feminino ocorre nas quartas e sextas, às 16 horas. Ainda são poucas meninas, apenas dez, então é necessário fazer um misto”.

**ONDE ENCONTRAR:**



**Escolinha Vida em Excelência**

As meninas que desejam praticar futebol, devem procurar o professor Flávio, na quadra da Praça da Nova Holanda, segundas e quartas, a partir das 19 horas. Também na Arena da Mata, na Via A2, na Vila dos Pinheiros, aos domingos, às 13 horas.

**Destemidas**

Não há vagas. Mas as meninas que almejem a prática de luta, devem procurar a recepção da instituição Luta pela Paz, na Rua Teixeira Ribeiro, 900, Nova Holanda.

**FutbolNet**

As interessadas devem procurar a secretaria da Vila Olímpica da Maré, na Rua Tancredo Neves, s/nº, Nova Maré.

# Orquestra Maré do Amanhã Mirim

## Alunos viram mestres e ensinam música para outros moradores

HÉLIO EUCLIDES

A Orquestra Maré do Amanhã é coisa nossa. Já teve destaque pelo Maré de Notícias, na Edição 49, de janeiro de 2014, quando mostrou seus primeiros passos. E hoje, volta, quase quatro anos depois, para mostrar que o Grupo cresceu com a criação da orquestra mirim. Trinta jovens músicos que ensinam outros 165. “Fizemos um acordo com a Secretaria Municipal de Educação e começaram as aulas. A minha ideia é que a ação seja unificada numa escola, na Escritor Bartolomeu Campos de Queirós, como modelo de trabalho. Quando se fala em música, já se pensa em batucada. É igual ao esporte. Fala-se em esporte e vem logo à mente o futebol. Eu preciso mostrar outras opções”, comenta **Carlos Prazeres**, fundador e coordenador do projeto. Apesar desse pensamento, o coordenador mostra que as diretrizes do trabalho são mais amplas. “O objetivo é abrir um horizonte no aluno, pois ele não necessita seguir sendo músico, mas precisa não pensar ‘pequeno’ na vida. É um projeto de longo prazo, no futuro vamos ver os frutos, bons profissionais, uma revolução silenciosa, por meio da música. Mas já se percebe mudanças no cotidiano do aluno na escola, com as notas boas, a concentração e a socialização”, explica Carlos.

Muitos alunos sonham em se tornar profissionais na área: “pretendo ser músico, pois é minha paixão”, resume **Moises**

**Magalhães**, de 12 anos, aluno do projeto há três meses.

O projeto mirim tem apenas seis meses e já se apresentou no Teatro Municipal, junto com os antigos membros. Na apresentação, os familiares foram em 16 ônibus. “Os pais ficaram encantados e querem ajudar nessa transformação da Maré”, conta o coordenador. **Kauã da Costa**, de 12 anos, é aluno, toca viola e ficou emocionado. “Senti muito orgulho na apresentação do Teatro Municipal”, relata.

Para fortalecer o trabalho, a sede do Grupo está sendo reformada, um galpão na Rua da Proclamação, mas o trabalho não vai sair das escolas. “Recebemos propostas para trabalhar em outras escolas da cidade, mas temos um carinho pelos moradores daqui. O nosso cordão umbilical se encontra na Maré. Queremos que a Maré abrace ainda mais esse projeto, para mudarmos juntos a realidade. Não é possível que a violência impeça as aulas e nossos ensaios, queremos paz”, conclui Carlos.

### Os alunos que viraram mestres

Para **Matheus Silvestre**, de 18 anos, o momento é de retribuir o que aprendeu. “A orquestra deu um rumo na minha vida, me prepara para o futuro. É fantástico vê-los tocando, seguindo os mesmos passos meus. Foi fascinante tocar no Teatro lotado, uma sensação inexplicável. Naquele momento, a Maré não



ELISÂNGELA LEITE

Aluna da Escola Bartolomeu Campos de Queiroz aprendendo a tocar violino

foi mencionada pela violência e, sim, pela motivação e inspiração da música”, esclarece. Seu colega, **Douglas Marins**, de 20 anos, está há quatro na orquestra e fica contente com a nova fase. “É emocionante ver as crianças se espelhando na gente. Quando comecei era mais difícil, era novo. Não existia esse apoio”, acrescenta.

Seguir com o projeto não é fácil. Algumas vezes é necessário comprar instrumentos usados, pois o valor dos novos é caro. A manutenção também tem um custo elevado, por exemplo os jogos de cordas, que duram no máximo um ano. Carlos ressalta que o importante é o carinho que os alunos têm com o instrumento. O maestro **Filipe Kochem** acredita que esse carinho fez com que a orquestra se multiplicasse. “Vivemos um amadurecimento, com mais experiência e com um nível ainda melhor. São sete anos conhecendo tanta gente boa... impressiona o apoio e o carinho. Apesar das dificuldades, os

pais querem o melhor para os filhos, estão batalhando e são vencedores”, exalta.

Alguns integrantes da orquestra já estão cursando a Faculdade de Música. “São profissionais que mostram vocação. Eles já fizeram turnê pelo Nordeste, em todas as capitais. Foram para a Venezuela, como ouvintes, mas acabaram tocando no final. E na visita ao Papa, no ano passado, fizeram concertos na praça pública”, revela Carlos.

“É um projeto de longo prazo, no futuro vamos ver os frutos, bons profissionais, uma revolução silenciosa, por meio da música.”

**CARLOS PRAZERES**

**CONJUNTO ESPERANÇA**

**Bar do Grande**

Desde roda de samba, pagode “retrô”, banda ao vivo com todos os ritmos e intervalo com DJs da casa.

**Quando** – todos os dias.

**Horário** – a partir das 22h

**Localização** – Rua Manoel Ribeiro Vasconcelos, 322

**MORRO DO TIMBAU**

**Dogueria Resenha**

Há menos de um ano aberto como um Food Truck carioca, especializado em hot dog artesanal, já aparece como um dos espaços mais “bombados” do momento, com pelo menos três eventos semanais.

**Quando** – sextas, sábados e domingos

**Horário** – a partir das 22h

**Localização** – Avenida Guilherme Maxwel, 95

**NOVA HOLANDA**

**Baile Funk da NH**

**Quando** – sábados

**Horário** – a partir das 22h

**Localização** – Rua Teixeira Ribeiro – alguns eventos acontecem no Campo da Paty

**Quadra do Gato de Bonsucesso**

Fora as atividades carnavalescas, a quadra da Escola de Samba do Gato de Bonsucesso realiza toda semana a roda de samba do Tapa na Peteca.

**Quando** – domingos

**Horário** – a partir das 18h

**Localização** – Rua São Jorge

**Pagofunk da BT**

Abre a semana de eventos na Nova Holanda, e acontece na rua que dá nome à festa.

**Quando** – quintas

**Horário** – a partir das 22h

**Localização** – Rua Bitencourt Sampaio

**Galpão Bela Maré**

RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 169, NOVA HOLANDA, MARÉ

TELEFONE: (21) 3105-1148

facebook.com/galpaobelamare

**03/12 (domingo)**

[Re]leituras possíveis  
Quais as possíveis leituras de uma obra? O educativo convida a todos a se apropriarem de uma das obras expostas [a que mais tenha gostado], e a partir dela, fazer uma releitura usando a técnica de colagem.

**Horário** - 15h

**‘Mostra Diálogos Ausentes’**

Classificação indicativa: 14 anos  
Até 10 de dezembro. De terça a domingo, das 10h às 19h

**CAM: Centro de Artes da Maré**

RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 181, NOVA HOLANDA, MARÉ

TELEFONE: (21) 3105-7265

facebook.com/centrodeartesdamare

**01, 08 e 15/12 (sextas-feiras)**

Oficina Maré de Verão  
Percussão com Panderolando  
**Horário** - 17h às 19h

**02/12 (sábado)**

Maré de Espetáculos - Encerramento do projeto Teatro em Comunidades UNIRIO  
**Horário** - 14 às 19h

**08 a 10/12 (sexta a domingo)**

Encerramento Diálogos Ausentes e Ocupação Conceição Evaristo  
Diálogos, oficinas e shows  
**Horário** - 17h

**Exposição ‘Conceição Evaristo’**

Até 10 de dezembro. De segunda-feira a sexta-feira, das 9h às 21h (educativo até às 17h). Sábados, das 9h às 13h

**TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA**

**NOVA MARÉ**

**Lona Cultural Municipal Herbert Vianna**

RUA IVANILDO ALVES, S/N, NOVA MARÉ

TELEFONE: (21) 3105-6815

facebook.com/lonaculturaldamare

**01/12 (sexta-feira)**

Feira da Diversidade e Roda de Samba  
**Horário** - 19h

**02, 09 e 16/12 (sábados)**

Oficina Maré de Verão  
Percussão com Panderolando  
**Horário** - 17h às 19h

**07 e 14/12 (quintas-feiras)**

Cine Clube Rabiola  
**Horário** - 17h

**13/12 (quarta-feira)**

Brincadeiras  
Música, circo, teatro e oficinas  
**Horário** - 14h às 18h

**15/12 (sexta-feira)**

Favela Rock Show  
Banda abertura + Hatefulmurder  
**Horário** - 21h

**Toda semana de segunda a sexta**

Projeto Nenhum a Menos:  
Teatro, complementação pedagógica, iniciação musical e robótica

**Todas as sextas-feiras, das 15h às 18h**

Laboratório Vivo Muda Maré

**TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA**

**PARQUE MARÉ**

**Baile Charme da Teixeira**

**Quando** – domingos

**Horário** – a partir das 20h

**Localização** – Rua Teixeira Ribeiro 563 - na calçada da Loteria

**PARQUE UNIÃO**

**Baile Funk do PU**

**Quando** - sextas

**Horário** – a partir das 23h

**Localização** – Rua Ari Leão

**Roda Cultural do Parque União**

Hip hop, trazendo sempre atrações musicais e batalhas de MCs.

**Quando** – sextas

**Horário** – 18h

**Localização** – Rampa de Skate, no final da Rua Ari Leão

**Baile Retrô**

Baile funk da antiga e charme.

**Quando** - domingo

**Horário** – a partir das 23h

**Localização** – Rua Roberto da Silveira

**Praça do Parque União**

O forró da Praça já um evento consagrado e que já trouxe grandes bandas para o local, com o apoio principalmente dos comerciantes do entorno.

**Quando** – domingos

**Horário** - a partir das 22h

**Localização** – após a Passarela 10, antes da entrada da Ilha

**BBBar**

Tradicional Pagofunk já famoso na Maré e fora dela.

**Quando** – sábados

**Horário** – a partir das 22h

**Localização** – Rua Larga

**PRAIA DE RAMOS**

**Pagode do Litão**

Pagofunk sempre com uma atração do funk e do pagode.

**Quando** – sextas

**Horário** – a partir das 23h

**Localização** – Piscinão de Ramos – Passarela 13

**SALSA E MERENGUE**

**Pagode da C11**

Um dos eventos mais tradicionais de funk e pagode da Maré.

**Quando** – sextas e domingos

**Horário** – a partir das 22h

**Localização** – Via C11

**VILA DO JOÃO**

**Baile da V.J**

**Quando** – sábados

**Horário** – a partir das 23h

**Localização** – Rua Quatorze e alguns eventos especiais na Quadra da Vila do João

**VILA DOS PINHEIROS**

**Tabacaria Dread Locks**

Shows de bandas do cenário alternativo do rock, reggae, rap e eletrônico. O local tem frequentadores assíduos que colocam músicas para tocar a noite toda, numa *playlist* colaborativa.

**Quando** – sextas e sábados

**Horário** – a partir das 20h

**Localização** – Via B9 - em frente ao bloco 1

DOUGLAS LOPES



Ciclistas perto da divisa na rua Tancredo Neves, na Maré, onde a faixa para bicicletas é dividida com os carros. A situação da ciclovia a partir daí é muito ruim, com buracos e pouca sinalização

## Ciclovia da Maré. Uma grande ideia que derrapou

JORGE MELO E HÉLIO EUCLIDES

Em agosto, **Douglas Lopes**, morador da Maré, de 25 anos, que é fã incondicional da *magrela* e a utiliza como principal meio de transporte, deu um passeio pela Ciclovia da Maré e encontrou uma série de problemas. Falta de sinalização, placas danificadas, pintura desgastada, pintura completamente apagada em muitos trechos, buracos e piso irregular. O passeio deu origem até a uma reportagem sobre a Ciclovia da Maré, publicada pelo Datalabe, um laboratório de dados e narrativas. Em novembro, três meses depois, ele repetiu o passeio, prestando atenção a cada detalhe do percurso. A conclusão é desanimadora. A situação piorou, porque com tempo os problemas se agravaram, “a obra foi interrompida e não há manutenção”, conclui Douglas.

A ciclovia era um sonho da maioria dos moradores da Maré, que utilizam diariamente bicicleta para se deslocar pela comunidade e, até mesmo, para outros pontos da cidade, próximos ao Complexo, como o bairro de Bonsucesso, por exemplo. Cercado de muita expectativa e lançado com “pompa e circunstância”, o pro-

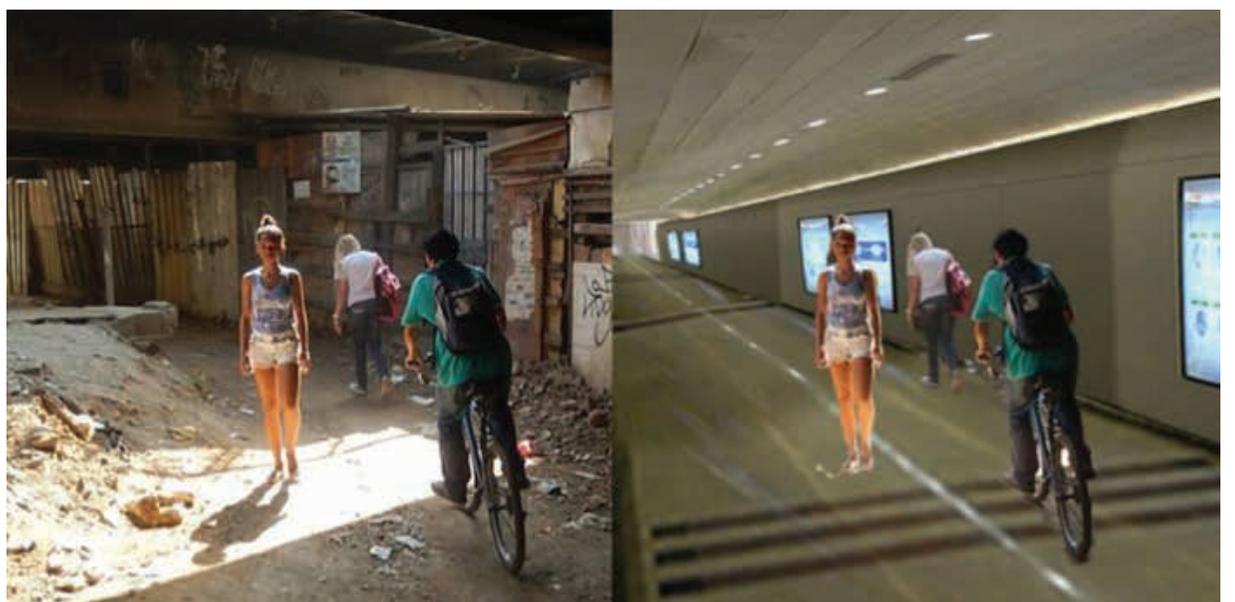
jeto prometia mais mobilidade e conforto.

A ideia da ciclovia na Maré surgiu em 2014, durante o *Maré que Queremos*, fórum permanente que existe desde 2009 e reúne associações de moradores e a Redes da Maré. “No projeto, a gente já vinha discutindo os impactos e legados que as obras (BRT e Transcarioca) deixariam para a população, principalmente do ponto de vista da mobilidade, conta **Eliana Sousa**

**Silva**, diretora da Redes da Maré.

A ciclovia é a primeira construída em uma favela e as discussões com a Prefeitura duraram mais de um ano. A população da Maré também definiu o traçado da ciclovia e os locais onde seriam instalados os bicicletários, a partir da experiência de milhares de pessoas que utilizam bicicletas nas 16 comunidades.

Uma das principais promessas do pro-



À esquerda, a situação da rua McLaren antes da ciclovia. À direita, a perspectiva de como deveria ficar o projeto pela Prefeitura

“  
A situação  
piorou, porque  
com tempo  
os problemas  
se agravaram,  
“a obra foi  
interrompida  
e não há  
manutenção.”

**DOUGLAS LOPES**

o projeto era a ligação entre a ciclovia e as estações do BRT Transbrasil e Transcarioca e também ao *Campus* do Fundão, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), onde, segundo levantamento da própria Prefeitura, trabalham 25% da população da Maré. Segundo Douglas, “não há nada que facilite o acesso de quem usa bicicleta às estações do BRT, sem contar que são raros os bicicletários na favela, outra promessa não cumprida”.

A ciclovia da Maré, estimada em 7 milhões de reais, fazia parte do programa Rio Capital da Bicicleta, e previa 22 km de ciclovias nas 16 comunidades do Complexo. O lançamento, no dia 11/11/2015, contou com a presença do então prefeito Eduardo Paes (PMDB) que, em entrevista publicada pelo *Jornal O Globo*, disse que “a ciclovia é simbólica, só existia para burguês da Zona Sul ter o seu lazer. Estamos invertendo essa lógica, dando ciclovia para o trabalhador”.

A crise e a falta de dinheiro

golpearam o projeto. As obras foram paralisadas em janeiro de 2016. O orçamento, de 7 milhões de reais, foi cortado em dois milhões de reais, quase 30% do previsto inicialmente. Mas, segundo a Secretaria Municipal de Meio Ambiente, responsável pela obra, pelo menos 18 Km da ciclovia foram construídos.

Segundo estimativas da Prefeitura, o Rio de Janeiro tem 450 km de ciclovias, mas há muito questionamento sobre a qualidade. E esse questionamento tem razão de ser. A ciclovia Tim Maia, que liga o Leblon a São Conrado, está interditada há um ano. Parte da pista desabou quatro meses após a inauguração e fez duas vítimas fatais. A obra não resistiu ao impacto de uma resaca.

De acordo com a Primeira Mostra sobre Mobilidade na Maré, realizada em 2014 pela Redes da Maré, Observatório das Favelas e CEIIA (Centro de Excelência e Inovação na Indústria do Automóvel), um em cada quatro moradores teria interesse em usar bicicleta caso as condições objetivas fossem favoráveis, em particular porque seria mais ágil, rápido, saudável e econômico. A pesquisa mostra que o potencial de uso da bicicleta pode ser ainda maior, caso o poder público tenha uma política mais efetiva de construção de ciclovias. “Mas construir apenas não é suficiente; é preciso construir bem, com qualidade e fazer a manutenção”, afirma Douglas que, apesar das dificuldades do caminho, não pretende abrir mão da sua *bike*.

**Leia toda matéria do DATALABE na internet:**  
<http://datalabe.org/narrativa/capital-da-bicicleta-para-quem/>

## ROTA DA CICLOVIA



**Conjunto Esperança:**  
Manoel Falcão A. Maranhão  
Rua José Moreira Pequeno

**Salsa e Merengue:**  
Rua Projetada E  
Rua Projetada G  
Rua Projetada F

**Parque Ecológico:**  
Via C4

**Baixa do Sapateiro:**  
Rua do Canal

**Nova Holanda:**  
Rua Principal

**Vila do João:**  
Rua 14  
Rua Canal  
Rua Canal 1

**Vila dos Pinheiros:**  
Via A1  
Rua do Canal

**Conjunto Pinheiros:**  
Rua do Canal

**Nova Maré:**  
Rua Tancredo Neves



